



Universidades Lusíada

Oliveira, Débora Silva de
Moura, Amanda Rosa Selois de
Feijó, Luan Paris
Pinheiro, Melina del Castel
Brites, Pâmella
Dorneles, Suhelen
Moura, Eliane

Interação vincular de pais com filhos autistas

<http://hdl.handle.net/11067/1347>
<https://doi.org/10.34628/9tc1-gj35>

Metadados

Data de Publicação	2014
Resumo	O autismo caracteriza-se pela presença de um desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e de interesses. Essas características podem levar a um isolamento contínuo da criança e de sua família. Nesse sentido, acredita-se que esse artigo contribui para os estudos relacionados ao tema, mais especificamente, à forma de vínculo estabelecido entre filhos com transtorno autista e seus pais. A metodologia utili...
Palavras Chave	Crianças autistas, Pais de crianças autistas
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-IPCE] RPCA, v. 05, n. 2 (Julho-Dezembro 2014)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:28:45Z com informação proveniente do Repositório

INTERAÇÃO VINCULAR DE PAIS COM FILHOS AUTISTAS
BONDING INTERACTION BETWEEN PARENTS AND THEIR AUTISTIC CHILDREN

Débora Silva de Oliveira
Amanda Rosa Selois de Moura
Luan Paris Feijó
Melina Del Castel Pinheiro
Pâmella Brites
Suhelen Dorneles
Eliane Moura
CESUCA, Universidade Inedi - Brasil

Contacto para correspondência:
Luan Paris Feijó
lparisf@gmail.com

Resumo: O autismo caracteriza-se pela presença de um desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e de interesses. Essas características podem levar a um isolamento contínuo da criança e de sua família. Nesse sentido, acredita-se que esse artigo contribui para os estudos relacionados ao tema, mais especificamente, à forma de vínculo estabelecido entre filhos com transtorno autista e seus pais. A metodologia utilizada foi a de pesquisa indutiva, de cunho bibliográfico, a qual busca compreender a relação vincular entre pais e seus filhos com transtorno autista. A estimulação da capacidade de conexões afetivas pode criar vínculo forte e duradouro, na medida em que a criança se sente segura e protegida. Embora seja difícil e estressante para as famílias lidarem com filhos autistas, é de extrema importância que todos vivam em um ambiente harmonioso e que proporcione um desenvolvimento infantil saudável. Assim, acredita-se que esse tema necessite de mais pesquisas, visto que ainda há pouca literatura que discuta sobre o processo interacional dos pais com filhos autistas.

Palavras-Chave: Autismo, Interação, Vínculo, Pais e filhos.

Abstract: Autism is characterized by the presence of a markedly atypical development in social interaction and communication, as well as the markedly restricted repertoire of activities and interests. These characteristics may lead to a continuous isolation of the child and his family. In this sense, it is believed that this article contributes to the studies related to the topic, more specifically, how to link established between children with autistic disorder and their parents. The methodology used was that of inductive research, bibliographic nature, which seeks to understand the relationship link between parents and their children with autistic disorder. Stimulation of affective capacity connections can create strong and durable bond, to the extent that the child feels safe and secure. Although it is difficult and stressful for families dealing with autistic children, it is of utmost importance that all live in a harmonious environment and provides a healthy child development. Thus, it is believed that this issue requires further research, since there are still few studies that discuss the interaction process of parents with autistic children.

Key-words: Autism, Interact, Relationship, Parents and children.

Introdução

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por um comprometimento acentuado em diversas áreas. Em decorrência disso, muitos prejuízos no funcionamento global do indivíduo se apresentam, especialmente no que diz respeito aos danos causados na afetividade, o que gera a necessidade de uma nova adaptabilidade, sobretudo, da família que precisa estar atenta às demandas do contexto.

Nesse sentido, o presente artigo se propôs a discutir, por meio de uma revisão da literatura, a respeito da relação entre pais e filhos com transtorno do espectro autista. Desse modo, objetivou-se conhecer, do ponto de vista teórico, como as pesquisas e estudos têm explorado a interação entre pais e filhos, no enredo do espectro autismo. A metodologia utilizada foi a de pesquisa indutiva, de cunho bibliográfico, a qual buscou compreender a relação vincular entre pais e seus filhos com transtorno autista. Para Gil (2010, p.65) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com material já elaborado, constituído principalmente de livros e de artigos científicos. Já para Lakatos e Marconi (1991), a indução é o processo mental que parte de dados particulares, constatados, para inferir uma verdade geral ou universal.

Na literatura, encontram-se diversas perspectivas teóricas que privilegiam diferentes facetas bastante específicas da competência social, sendo uma delas a interação. Nesse contexto, a problemática abrangida refere-se à interação vincular que é estabelecida entre pais e filhos com diagnóstico de transtorno do espectro

autista. Segundo Shaffer (1996), estudos têm demonstrado as consequências “indesejáveis” para um indivíduo com o transtorno autista. A falta de amizade ou de dificuldades nas relações com pares constitui-se com maior probabilidade de desenvolver problemas emocionais, menor sociabilidade, ajustamento escolar mais pobre, menos ganhos educacionais, menos altruísta, entre outros. Além disso, evidências empíricas a partir de estudos longitudinais demonstram que há uma correlação entre dificuldades precocemente identificadas nas relações entre pares durante a infância e comportamento antissocial, abandono escolar.

Esse artigo discutirá a respeito do conceito do espectro autista; diagnóstico atóxico; desenvolvimento cognitivo/neurológico; afetividade; interação entre pais e filhos autistas; impacto do diagnóstico na família; vivência de uma família com filho autista; estratégias de *coping*; comunicação; linguagem e compreensão; e, por fim, interação e apego de pais e filhos autistas.

Autismo: o que é autismo

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por um comprometimento acentuado e global em diversas áreas do desenvolvimento, como por exemplo, habilidade de interação social recíproca, habilidade de comunicação ou presença de estereotípias de comportamento. Os sintomas podem se manifestar desde muito cedo, geralmente antes dos três anos de idade, havendo destaque para os de dificuldades na comunicação social, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. Para o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da *American Psychiatric Association* (APA, 2014, p. 53) “As características essenciais do Transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades”. Para o DSM-5 (2014), os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista podem apresentar uma gama de sintomas comportamentais, incluindo também hiperatividade ou hiporreatividade, desatenção, impulsividade, agressividade, comportamentos autodestrutivos e particularmente em crianças mais jovens, bem como acessos de raiva.

Diagnóstico atóxico

O diagnóstico é clínico e realizado por profissionais da saúde aptos ao exercício da profissão. Deve ser feito através de observações diretas do comportamento da criança e de entrevista com os pais ou cuidadores, bem como estar embasado na Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993) ou no DSM-5. Os critérios nosológicos do Transtorno do Espectro Autista sob a ótica do DSM-5 (APA, 2014) estão relacionados a um comprometimento qualitativo da interação

social, comprometimento qualitativo da comunicação, padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, atrasos ou funcionamento anormal e a perturbação não é melhor explicada por outro transtorno.

Comprometimento do desenvolvimento cognitivo/neurológico

O autismo é uma síndrome de alterações no processo de socialização, causando impactos no desenvolvimento da atividade e adaptação, da comunicação e imaginação social. Crianças autistas podem demonstrar extrema ansiedade diante das mudanças cotidianas.

Estudo de ressonância magnética de indivíduos com transtorno autista indicou que existe diminuição de volume do cerebelo, no tronco encefálico, no lobo parietal e no esplênio do corpo caloso dos portadores de autismo (Baron-Cohen, 2004 em Fuentes, Mally-Diniz, Camargo & Cosenza, 2008). Esse autor apontou que diversas áreas encefálicas apresentam anormalidades anatômicas, as quais incluem o cerebelo, tronco encefálico, lobos frontais, parietais, hipocampo e corpos amigdaloides. Nesse mesmo sentido, outras pesquisas evidenciaram anormalidades nas regiões responsáveis pelo processamento social, especialmente nos corpos amigdalóides (Ashwin et al., 2007; Bachevalier e Loveland, 2006; Spezio, 2007 em Fuentes, Mally-Diniz, Camargo e Cosenza, 2008).

Comprometimento da afetividade

Devido à identificação precoce dos primeiros sinais do transtorno, fica evidenciado que a qualidade do contato interpessoal e trocas emocionais das crianças autistas apresentam falhas no desenvolvimento. Kanner (1942 em Assumpção & Pimentel, 2000) foi o primeiro a definir a síndrome do autismo e publicou o artigo *Autistic disturban cesof affective contact*, descrevendo sobre a incapacidade que as crianças têm de se relacionar afetivamente e socialmente com outras pessoas. Já em 1950 e 1960, acreditava-se que o autismo era causado por pais não emocionalmente responsivos aos filhos. Somente em 1980, o autismo foi reconhecido como transtorno do desenvolvimento (Klin, 2006 em Fuentes, Mally-Diniz, Camargo & Cosenza, 2008).

Contudo, Hobson (2002 em Correia & Lampreia, 2012) defende a ideia de que os prejuízos em diferentes áreas do desenvolvimento, como o desenvolvimento cognitivo, simbólico, subjetivo e emocional podem ser em decorrência de falhas inatas na capacidade de conexão afetiva entre recém-nascido e seus pais ou cuidadores. Para o autor, essa conexão afetiva é caracterizada pela capacidade inata de responsividade, expressividade e sensibilidade do recém-nascido ao afeto do outro. A partir dessa perspectiva teórica, seriam as falhas na capacidade de conexões afetivas que prejudicariam a capacidade de interação com os outros, podendo ocasionar déficits significativos em relacionamentos sociais. Dessa forma, as crianças autistas não conseguiriam ser sensíveis e responsivas aos afetos de outras pessoas.

Interação entre pais e filhos autistas

Impacto do diagnóstico na família

Um dos momentos considerados mais críticos para a família é o momento do diagnóstico, pois se por um lado o diagnóstico vem acompanhado do alívio, por saber o que seu filho tem e como pode ajudá-lo, do outro vem o choque de saber que o filho é portador de uma “doença crônica”, com a qual a família terá que aprender a lidar. A família pode apresentar diversas reações, nesse momento, sendo a negação uma delas. Segundo Paul e Fonseca (2001, em Nogueira & Rio 2011), a negação é caracterizada por uma defesa temporária que mais tarde pode ser substituída por uma aceitação, mesmo que parcial.

Para algumas famílias, a aceitação é um processo contínuo, o qual pode nunca ser concluído totalmente. Segundo Nogueira e Rio (2011), as preocupações e ansiedades geradas por esse diagnóstico são inúmeras, sendo uma delas o fato dessa família pensar em quem cuidará de seu filho autista, quando os familiares morrerem, quem irá tomar o seu lugar, de cuidador desse filho com autismo, em como será a vida dele sem eles. Segundo os autores, “As preocupações da família estão na sua maioria relacionadas com o que poderão fazer, as entidades públicas e/ou as privadas, para defender os direitos do filho e dar continuidade aos cuidados. Segundo Telmo (2005), a maioria dos pais desejam morrer depois dos filhos, pois não querem deixar sozinhos. Este sentimento aumenta ainda mais o sentimento de culpa e impotência (2011, p. 17).”

Esses autores também explanam que dentre os sentimentos presentes nesse momento, a revolta consiste em uma maneira de expor os sentimentos. Na maioria das vezes, está relacionada à como os familiares foram tratados quando foram em busca de ajuda, em como a sociedade e as entidades públicas lidaram com essa doença e em como estão dispostos os recursos que podem ajudar numa melhor qualidade de vida para os portadores do autismo e seus familiares.

Vivência da família com filho autista

Após o diagnóstico, as famílias com filhos autistas terão que aprenderem a lidar com o seu impacto, onde as demandas em torno do filho serão maiores e todo o funcionamento e andamento da família será modificado. A família terá que lidar com várias dificuldades, tendo que se adaptar. Segundo Nogueira e Rio (2011), a falta de informação sobre a doença é uma das maiores queixas relatadas pelos familiares. De acordo com os pesquisadores, nem sempre estão disponíveis informações a respeito do assunto e de como lidar com os sintomas, dificultando assim a compreensão dessa família sobre o transtorno do espectro autista.

A busca por escolas, onde possuam atendimento específico, e que atendam as demandas da criança com autismo, é um fator preocupante para as famílias. É preciso investigar um local adequado que enxergue a criança como indivíduo e não como doença. Nesse sentido, tanto o contexto mais amplo quanto a família

devem se adaptar para promover um rendimento produtivo e colaborar na evolução e no desenvolvimento da criança.

Em algumas famílias, o medo torna-se um elemento central. Para Nogueira e Rio (2011), o medo de que a criança com autismo não consiga aceitar qualquer forma de disciplina, inclusive a que governa o convívio familiar, faz, por vezes, que pais e irmãos atendam as suas solicitações. A questão financeira mobiliza muito a família, pois, em sua maioria um dos pais, ou alguém da família, acaba abdicando do seu trabalho para se dedicar exclusivamente aos cuidados desse filho, sendo que essa decisão acaba por influenciar todos. O fato de não terem muitos recursos financeiros pode dificultar o acesso a consultas especializadas, e a dar um padrão de vida desejado (Nogueira & Rio, 2011).

As relações sociais dessa família também sofrem modificações. Em algumas o desenvolvimento social muda, podendo a internet ser um novo recurso para estabelecer contato com pessoas fora do círculo familiar. Algumas famílias relatam se sentirem afastadas dos amigos e familiares, isso se dá pela falta de informação sobre a doença, ou por medo de entrarem em confronto com a criança autista.

Nogueira e Rio (2011) explanam ainda que “Neste momento, supõe-se que as pessoas já saibam o que é “politicamente correto”, devendo demonstrar uma atitude de aceitação em relação a pessoas com necessidades especiais. No entanto, muitas vezes isso não acontece sendo os pais ainda criticados por serem maus pais, podendo, a criança ser evitada ou receber olhares de desprezo por ter aparência normal, mas ser “mal comportada” ou ter comportamentos desadequados (2011, p.19).”

Muitas são as mudanças e adaptações que está família terão que enfrentar. Dificuldades acontecem em todas as famílias independentemente de terem filhos com necessidades especiais. No contexto do autismo, a informação e o apoio são pontos cruciais para melhorar o convívio familiar, lembrando que a adaptação à mudança é um processo geral e contínuo, sendo construído em conjunto pela família, com vistas a uma melhor qualidade de vida.

Estratégias de Coping

As estratégias de *coping*, ou de enfrentamento, são esforços cognitivos e comportamentais para lidar com situações que não estão disponíveis em uma rotina ou uma resposta automática. Segundo Schmidt, Dell’Aglio e Bosa (2007) “o conceito de *coping* tem sido descrito como o conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se às circunstâncias adversas ou estressantes, podendo, estas estratégias, estruturarem-se de duas formas: (a) focalizado no problema; e (b) focalizado na emoção.”

Portanto as estratégias de *coping* são necessárias para que os pais possuam uma melhor maneira de lidar com as situações estressoras das quais não possuam recursos cognitivos ou respostas prontas para as demandas, observando também

que quanto maior o número de necessidades dos filhos autistas maior será a dificuldade de encontrar essas estratégias. Marques e Dixe explicam as estratégias de *coping* dos pais com filhos autistas:

As estratégias de *coping* dos pais revelam-se menos eficazes quanto maior o número de necessidades sentidas para cuidarem dos seus filhos com autismo. É necessária a manutenção de um forte sentido de coerência familiar para a redução do estresse, por outro lado acreditar que o seu filho recebe o tratamento mais apropriado é vital para os pais lidarem com o estresse. O uso do reenquadramento (avaliar os conflitos e as crises de modo positivo) e a mobilização de apoio formal parecem ser as estratégias de *coping* mais bem conseguidas. A reavaliação positiva, o *coping* focado no problema e pensar os eventos de forma positiva ajudam a amortecer e a superar as situações de estresse (2001, p. 67).

Sendo assim, uma família com um bom funcionamento pode diminuir o stress no sistema familiar, criando um ambiente harmonioso e propício para o desenvolvimento saudável de todas as partes. As estratégias de *coping* são facilitadoras para que a família obtenha um bom funcionamento, propiciando a melhor saúde mental (Schmidt, Dell'Aglio, Bosa, 2007).

Comunicação

Linguagem e Compreensão

A comunicação é uma necessidade humana e a fala é o modo, por excelência, de satisfazer essa necessidade. De acordo com Augras, (1998, em Cristo, 2009), a fala é uma forma de compreensão do mundo. Para entender o mundo, o homem elabora um conjunto de signos que lhe deem significado humano: “A linguagem é criação e organização do mundo”.

Todos os seres humanos se utilizam da linguagem para aquisição e utilização de sistemas complexos de comunicação. Conforme Cristo (2009, p. 81) “as crianças, ao nascerem, possuem uma espécie de linguagem universal, são cidadãs do mundo. Por volta dos oito meses começam a reconhecer e tentar reproduzir palavras próprias de seu povo, de sua família”.

No espectro autista, há atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem falada. Conforme o DSM-5 (2014, p. 50), “A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamentos repetitivos”.

Segundo Lasnik-Penot (1991 e 1997), que se baseia na literatura de Lacan, o mesmo percebe a repetição como importante para a constituição do psiquismo da criança. Utiliza a metáfora do espelho como exemplo, onde a criança e a mãe estabelecem uma relação, e a criança se apreende através da sua imagem refletida e se reconhece no espelho (mãe ou adulto significante para ela), porém no autismo a concepção de repetição é diferente da evidenciada pelos estudos lacanianos, uma vez que a repetição serve para sistematizar os processos cognitivos.

Já, a compreensão para o autista é vista sob uma perspectiva diferente, pois em sua fala a criança não está preocupada em passar informações, mas busca expressar o que está sentindo subjetivamente. A forma de relacionamento dos pais varia conforme crenças e valores que foram adquirindo ao longo do ciclo vital. Segundo Balestro e Fernandes (2012), a percepção dos pais interfere nesse processo, podendo valorizar ou até mesmo depreciar o investimento da relação familiar. Dessa forma, faz-se necessário valorizar o papel dos pais na relação, pensando numa melhora no processo comunicativo familiar. Como atitude comum, afirmam Balestro e Fernandes (2012), "... no espectro do autismo, os pais têm uma vivência de orientações clínicas, que muitas vezes, pedem que eles expressem uma suposta "incompreensão" do pedido da criança em uma tentativa de favorecer a assertividade dela". Ainda nesse mesmo sentido, Cristo (2009) assegura que, é necessário buscar uma escuta rara, uma compreensão do sentido, na comunicação, para que ocorra uma aproximação do mundo e da relação do portador, com o mundo dos pais, uma construção da relação que seja recíproca.

Interações e Apego de pais e filhos autistas

Em pesquisas realizadas por John Bowlby, pode-se verificar que a criação de vínculos afetivos e duradouros se estabelece logo nos primeiros dias de vida entre o bebê e sua mãe ou cuidador, e tendem a durar por grande parte do ciclo vital. Entende-se que a criação desse vínculo forte e duradouro é de extrema importância, pois surge da necessidade da criança se sentir seguro e protegido, e isso é de vital importância para uma ligação emocional e orientação para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança.

Segundo Bowlby (1990), os comportamentos de apego se referem a um conjunto de condutas inatas exibidas pelo bebê, que promove a manutenção ou o estabelecimento da proximidade com sua principal figura provedora de cuidados, a mãe, na maioria das vezes. O repertório comportamental do comportamento de apego inclui chorar, estabelecer contato visual, agarrar-se, aconchegar-se e sorrir. Verifica-se a partir disso, a dificuldade que pais com crianças autistas têm de estabelecer esse vínculo inicial, visto que esse filho tem uma grande dificuldade em estabelecer esse contato visual.

Ainda sobre o estudo de Bowlby, acredita-se na importância de ressaltar a Teoria do Apego, onde é apresentado o modelo de apego saudável e o apego patológico entre o bebê e seus cuidadores. No apego seguro, a mãe (ou cuidador primário) é calorosa, sensível, atenta e disponível. Rapidamente responde ao choro da criança, que explora essa atenção da mãe. Com a construção da base segura, a criança se tornará extrovertida, capaz de explorar seu ambiente de forma confiante e de criar vínculos afetivos saudáveis. Já nos modelos de apego inseguro, existem duas classificações: evitante, onde a mãe frequentemente não está disponível emocionalmente, ou é rejeitadora; e o ambivalente, onde a mãe é imprevisível ou caótica. A base segura não estando disponível para a criança

acarretará em um apego inseguro e pode se manifestar em todo ciclo vital do bebê, que ocasionará distorções nos pensamentos e sentimentos, podendo gerar relacionamentos disfuncionais.

Muitos estudos têm sido realizados com famílias que tem um membro autista nos últimos anos, entre os quais se podem destacar as propostas de intervenções na relação pais-filhos com o objetivo de aumentar as habilidades comunicativas entre os mesmos, conforme referem Balestro e Fernandes (2012). Esses autores, em uma recente pesquisa realizada com mães, verificaram que orientações sistematizadas e específicas favorecem o ambiente comunicativo e o entendimento familiar, bem como habilidades da criança. Assim, através de pesquisas, comprova-se que intervenções com a família podem auxiliar na comunicação entre os membros da família com o autista.

Apesar de haver pesquisas referentes à comunicação dos pais com o filho, ainda permanecem questões em aberto. É essencial, compreender a percepção dos pais, no que se trata da comunicação. A partir do conhecimento dessa, se pode atuar e entender as dificuldades de cada caso quanto à comunicação. Conforme complementam as autoras Balestro e Fernandes (2012): ...considerando que a atitude e interpretação dos interlocutores frente aos comportamentos não somente das crianças, mas também das outras pessoas, tenham influência na comunicação, uma vez que a criança é vista com sua singularidade e não com a recorrência dos sintomas descritos no espectro do autismo. (p. 280)

É importante a identificação das percepções paternas referente à qualidade da relação de outras pessoas com seus filhos, indiferentemente do diagnóstico. Características objetivas ou dificuldades reais são apresentadas pelas crianças, como citado abaixo:

Estudos recentes têm atribuído um papel de destaque para a rotulação por parte das pessoas, como fator prejudicial para o funcionamento social e psicológico, tanto dos indivíduos em questão, como de seus cuidadores. Algumas pesquisas concluem, ainda, que o estigma é reforçado pela sociedade e que seus efeitos não são facilmente superados pelas atitudes de enfrentamento adotadas pelas pessoas afetadas e por seus familiares. (Balestro e Fernandes, 2012, p. 283)

Nesse sentido, as estratégias de *coping* manejadas pelas famílias têm grande importância para o bom funcionamento familiar e para o enfrentamento de situações nesse contexto.

Conclusão

Através da revisão de literatura embasada em pesquisas bibliográficas, podemos concluir que o espectro autista corresponde a um quadro de extrema complexidade que compromete a interação social, a comunicação, as atividades e interesses do sujeito. As causas ainda não são tão bem conhecidas como os sintomas, Dessa forma, abordagens multidisciplinares precisam ser efetivas para

que se estabeleçam etiologias e quadros clínicos bem definidos, passíveis para uma abordagem terapêutica eficaz.

Percebe-se que a forma de relacionamento dos pais varia conforme suas crenças e valores que foram adquiridos ao longo do desenvolvimento humano. A percepção desses pais interfere em todo o processo, podendo valorizar ou até mesmo depreciar o investimento na relação familiar. Dessa forma, faz-se necessário valorizar o papel dos pais na relação, pensando numa melhora no processo interativo familiar. Compreende-se que é essencial a estimulação da capacidade de conexões afetivas das crianças autistas, pois essas apresentam mais dificuldades em serem sensíveis e responsivas aos afetos das pessoas.

Portanto, necessita-se criar vínculo forte e duradouro, pois esse surge da necessidade de a criança se sentir segura e protegida, e isso é de vital importância para uma ligação emocional e orientação para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo saudável dessa criança. Embora seja difícil e estressante para as famílias lidarem com filhos autistas, é de extrema importância que todos vivam em um ambiente harmonioso e que proporcione um desenvolvimento saudável a todos seus membros. Assim, acredita-se que esse tema necessita de mais pesquisas e discussões, visto que ainda há pouca literatura que reflita sobre o processo interacional dos pais com filhos autistas.

Referências

- American Psychiatric Association – APA – (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. (5 ed. ver.). Porto Alegre: Editora Artmed.
- Assumpção, F. B. & Pimentel, A. C. M. (2000). Autismo Infantil. *Revista Brasileira Psiquiátrica*. São Paulo, v. 22, p. 37-39. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4446200000600010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Balestro, J. I. & Fernandes, F. D. M. (2012). Questionário sobre dificuldades comunicativas percebidas por pais de crianças do espectro do autismo. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. São Paulo, v. 17, n.3, p. 279-286. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342012000300008&script=sci_arttext
- Correia, O. F & Lampreia, C. (2012). A Conexão Afetiva nas Intervenções Desenvolvimentistas para Crianças Autistas. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Brasília, v. 32, n. 4, p. 926-941. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32n4/v32n4a12.pdf>
- Cristo, D., A. (2009). A construção de uma relação de ajuda com portadores da síndrome do autismo. *Revista do Nufen*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 79-92. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Eletronic Library Online), <http://pepsic>

- bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Fuentes, D., Malloy-Diniz L. F., Camargo, C. H. P. & Cozenza, R. M. (2008). *Neuropsicologia: Teoria e Prática*. Porto Alegre: Artmed.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1991); *Metodologia Científica*. (2. ed.) São Paulo: Atlas.
- Lasnik-Penot, M. C. (1991) Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional - Quando a alienação faz falta. In (1997) *Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise*. S. Paulo: Editora Escuta.
- Nogueira, M. A. A & Rio, S. C. M. M. (2011). A família com crianças autista: apoio de enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*. Porto, n. 5. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Electronic Library Online), http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S1647-21602011000100003&script=sci_arttext
- Schmidt, C., Dell'aglio, D. D. & Bosa, C. A. (2007). Estratégias de Coping de Mães de Portadores de Autismo: Lidando com Dificuldades e com a Emoção. *Psicologia: reflexão e Crítica*. Porto Alegre, v. 20, n. 1. Retirado em 05/10/2013, do SCIELO (Scientific Electronic Library Online), http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000100016&script=sci_arttext
- Shaffer, H. R. (1996). *Social development*. Cambridge: Blackwell Publisher.
- Organização Mundial de Saúde - OMS - (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento - CID-10* (D. Caetano, Trad.). Porto Alegre: Artmed Editora. (Trabalho original publicado em 1992).

